

Laura Alcoba

“A mãe matou os irmãos dela, mas é Flavia quem salva a mãe”

LITERATURA A escritora argentina esteve em Portugal para apresentar *Naquele Dia* e falou ao DN sobre esta história, que é mais sobre a força do amor do que sobre um duplo infanticídio.

TEXTO HELENA TECEDERO

Paris, dezembro de 1984. Griselda acorda com uma dor de cabeça terrível e com a filha Flavia a insistir para a levar à escola. Levanta-se a custo e, de volta a casa, pinta-se em demasia. Tenta dizer ao marido, Claudio, que não está bem, mas ele despacha-a. Esmagada, Griselda faz o inominável: afoga os dois filhos mais novos na banheira e, encharcada e esborratada, vai buscar a mais velha, Flavia, de 6 anos, às aulas. Só o “não” da professora a impede e muda de vez o rumo de uma história que Laura Alcoba, uma argentina exilada em França tal como o casal de *Naquele Dia* (que conheceu quando era criança), decidiu agora contar.

Catástrofe, tragédia, acidente. É difícil encontrar a palavra certa para exprimir o que Griselda fez naquele dia?

Do ponto de vista jurídico, não é difícil. Mas do ponto de vista humano, um tal ato é incompreensível. Estamos perante o inominável. Quando comecei a escrever sobre esta história, não sabia se o ia conseguir fazer, porque tinha medo dela. Porque é o indizível, é o impensável, por excelência. O que me convenceu que tinha de escrever este livro – não apenas que queria fazê-lo, mas que tinha de o fazer – foi o facto de Flavia ter sobrevivido a esta história. É uma história de resiliência, de uma menina que consegue sobreviver a esse dia de loucura. Um dia que, infelizmente, se assemelha a muitos dias de loucura. É o impensável, mas ao mesmo tempo, que se repete na

história da Humanidade. E acontece que, quando eu estava a escrever o livro, houve uma história quase semelhante que aconteceu em Bordéus, de uma mãe que, num momento de loucura, afogou os filhos numa banheira. **A ideia de contar esta história surgiu quando estava no cinema e o filme lhe lembrou algo que tinha ouvido anos antes e enterrado na sua memória...**

Sim, foi espoletada por uma história que tinha ouvido há muito tempo. Era um filme do Scorsese, *Shutter Island*. Foi uma sensação muito estranha. Eu trabalhei a minha memória de infância, mas tinha enterrado esta história. Era tão aterradora que a escondi. O meu pai, que tinha tido uma ligação a Griselda e Claudio anos antes, não teve qualquer contacto com eles a partir daí. Na altura, saí do cinema com uma amiga e

“Saí do cinema a pensar que já conhecia aquela história. Lembro-me de ter dito ao meu editor, na Gallimard, que havia uma história aterradora no seio da comunidade de exilados argentinos em França e que, se tivesse coragem, talvez um dia a escrevesse.”

disse-lhe que conhecia aquela história.

Estamos a falar de que ano?

Foi em 2010. Foi muito tempo antes de escrever o livro. E escrevi outros entretanto. Saí portanto do cinema a pensar que já conhecia aquela história. Lembro-me de ter dito ao meu editor, na Gallimard, que havia uma história aterradora no seio da comunidade de exilados argentinos em França e que, se tivesse coragem, talvez um dia a escrevesse.

O que é que ele disse?

Disse que sim. Mas não escrevi logo. E, quando dei o primeiro passo para contactar Flavia, foi muito perturbador porque tive a impressão de que ela estava à minha espera.

A Laura deu o primeiro passo?

Estava hesitante... E perguntei ao meu pai se tinha maneira de conseguir o contacto. Elas descobriram e deixaram-me uma mensagem no telemóvel.

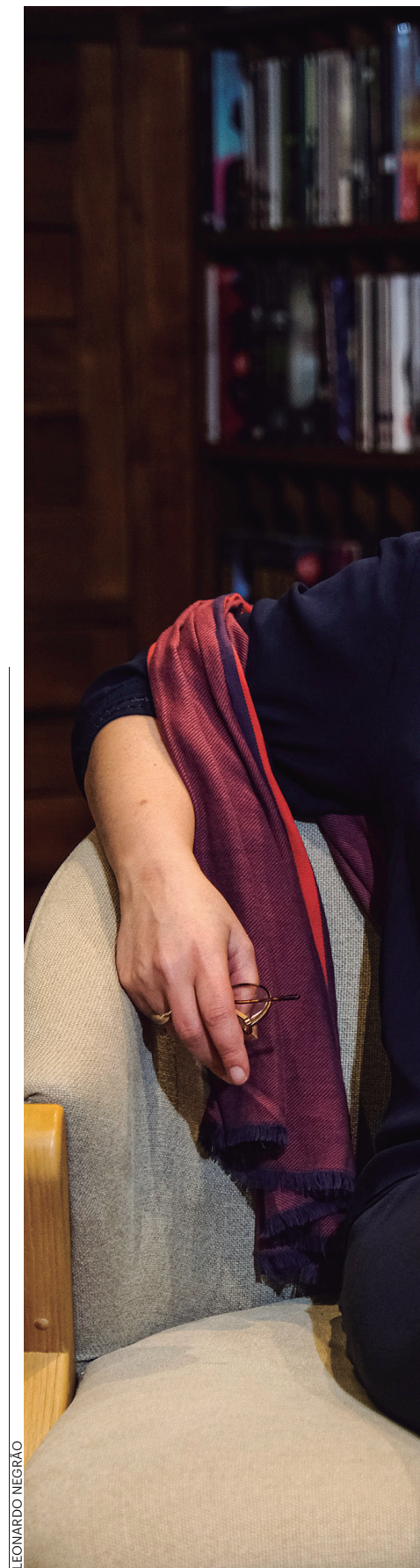
As duas?

A mãe. Eu não estava pronta. E de repente ali estavam elas. Quando tive o meu primeiro encontro com Flavia, foi ela que me disse: ‘Sabes o que é que a minha mãe fez?’ Eu disse que sim. E ela contou-me as memórias que tinha desse dia, que é o ponto de partida do livro. E disse-me que seria bom se eu escrevesse o livro. Foi quase um pacto entre ela e eu. Nunca esperei ver a mulher que vi. Ela é uma mulher luminosa. Uma fotógrafa. Uma pessoa muito realizada e bonita. E eu não estava nada à espera disso. Estava à espera de ver alguém torturado, complicado, que não está bem. Foi perturbador. Tal como foram

perturbadoras as memórias que ela me deu no primeiro dia, que foram como *flashes*.

Os quatro momentos do dia?

As quatro recordações, sim. Tive a impressão de que estava a olhar para uma mulher de 40 anos, mas que, à minha frente, tinha uma menina. Ela estava quase a dar-me o seu subconsciente em estado bruto. A partir daí, foi tudo muito rápido. Quando saí do café, tive a certeza de que tinha de fazer este livro. Não apenas que podia, mas que tinha de o fazer. Depois houve o encontro com Griselda, que também foi muito poderoso. Ela contou-me a sua história. Eu não sabia que perguntas fazer. Mas nem precisei de fazer perguntas. Apenas falámos e falámos. Combinámos encontrar-nos no mesmo café onde estivera com Flavia. Quase fomos expulsas porque estávamos ali há horas. Mas o que é realmente importante para mim, no livro, é Flavia. Sim, é um livro que fala do horror, do terror, do abismo desse ato. É sobre uma mulher que se quebra, que se perde. E, ao mesmo tempo, uma menina que consegue construir-se, que consegue sobreviver aos dias de loucura da mãe. Há uma série de histórias que acabam na escuridão total. Aqui temos uma família que sobrevive, porque Flavia sobrevive, porque Colette está lá, porque Colette diz: “Não.” Naquele dia, que é uma espécie de espiral de horror, alguém vê uma mulher que não está no seu perfeito juízo, que vem buscar a filha e recusa dar-lha. E a partir daí, com este gesto, tudo muda. Griselda acaba num hospital psi-



LEONARDO NEGRÃO

quiátrico. Mas é este gesto que permite que a história seja outra. Depois da escuridão, vem a luz. Ouvi-los, ouvir Flavia, ouvir Colette – que acho que é uma das pessoas mais bonitas que já conheci na minha vida.

Uma questão que surge ao ler o seu livro é: há uma parte de ficção em tudo o que ali relata?